

## **Correio Braziliense**

### **Queda-de-braço em leilão de hidrelétricas**

*Investidores afirmam que, cobrando preço desejado pelo Ministério de Minas e Energia, é impossível construir as usinas que evitarão racionamento em 2009. Para o governo é um blefe*

Mariana Mazza

Da equipe do Correio

Faltando menos de um mês para a realização do leilão mais aguardado do setor elétrico, uma briga sobre o preço máximo da venda da energia pode comprometer a disputa. De um lado está o governo. Do outro, os investidores. No fim, a garantia de o Brasil escapar ou não de um novo racionamento de energia, que seria mais grave que o de 2001. E a queda-de-braço tem dia marcado: 16 de dezembro, quando serão leiloados os primeiros projetos novos de geração de energia durante o atual governo e que definirão o fornecimento de luz a partir de 2009.

O preço máximo de R\$ 116 o megawatt/hora (MWh) tem causado críticas nos corredores das empresas de energia. Pelas regras da disputa, vence a geradora que oferecer sua produção pela menor tarifa, partindo do teto definido pelo governo. Ontem, os empresários vieram a público para mostrar que, se o valor for mantido, muitos não entrarão na disputa. Até a estatal Eletrobrás chegou a reclamar do preço durante o **2º Fórum da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE)**, realizado ontem em Brasília. Duas importantes empresas, a Companhia Piratininga de Força e Luz (CPFL), Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e a Energias do Brasil, já anunciaram que estão fora do leilão por conta do preço.

Considerando os investimentos necessários para se construir uma usina hidrelétrica, a obra só é viável se a energia for vendida, em média, a R\$ 130 o MWh. O cálculo foi apresentado pelo analista Mário Veiga, da PRS Consultoria, que descreveu um cenário pouco animador sobre a possível venda dos projetos hidrelétricos no leilão. Segundo Veiga, dos seis empreendimentos habilitados, apenas dois conseguiriam cobrir seus custos com valores próximos a R\$ 116 o MWh. A análise do consultor levou em conta os estudos de viabilidade técnica e econômica feitos pelas empresas interessadas. Assim, a mais barata conseguiria vender sua energia a R\$ 117,30 o MWh, enquanto a mais cara precisaria de R\$ 160,4 para cada MWh geradora para poder cobrir seus custos.

Esses preços só podem ser atingidos com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Se as obras não contarem com o financiamento do banco, o preço seria ainda mais alto. Como o governo não explica claramente aos investidores como chegou à conclusão de que R\$ 116 é suficiente para cobrir os custos das usinas, as especulações são grandes. "Existem várias explicações cabalísticas", ironiza Veiga. "A primeira teoria é que todo mundo é maluco, o que não é possível. A segunda é que o governo aposta que os orçamentos dessas usinas são malucos." A tese é que o custo destas obras estariam inflados e apenas no leilão é que o preço verdadeiro apareceria.

### **Às escuras**

O presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, está convicto de que o leilão será bem-sucedido. A EPE é responsável pela homologação dos empreendimentos que participarão da disputa em dezembro. E só pode liberar as obras que estiverem com a licença prévia ambiental para a construção. Por isso, das 17 usinas hidrelétricas previstas inicialmente, apenas seis receberam autorização do governo para ir a leilão.

"Eu venho aqui tranquilizá-los de que não vai faltar energia. Existem 109 projetos pré-habilitados e se um não entrar no leilão, outro entrará", profetiza Tolmasquim ao somar térmicas e hidrelétricas com potencial para serem leiloadas em dezembro. Ele criticou os analistas do setor que projetam um grande risco do Brasil sofrer um novo apagão em 2009. "Quem diz que vai faltar energia tem que trazer números e dados concretos. Senão, está fazendo um desserviço ao país ou é campanha política", afirmou.

As acusações tiveram resposta imediata do consultor Adriano Pires, presidente do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura (CBIE), que entregou relatório a Tolmasquim com cálculos comprovando o risco de falta de abastecimento a partir de 2009. A preocupação é que, além do baixo preço do leilão ser uma barreira ao início de novos projetos, as perspectivas para as térmicas, utilizadas como garantia para a geração de energia nos próximos anos, também não são boas.

### **Aposta térmica**

Sem investimentos em gasodutos e no aumento da produção nacional de gás natural, muitas usinas térmicas que venderão sua energia no leilão de dezembro podem ter sua produção comprometida em quatro anos. O motivo é a grande possibilidade do país não ter gás suficiente para atender as usinas e a demanda do setor industrial a partir de 2009, perspectiva já aceita até por parte do Ministério de Minas e Energia.

Segundo Tolmasquim, as novas térmicas não devem ser movidas à gás natural. A idéia é ampliar a produção a partir de diesel e construir usinas com geração a partir de carvão, que seria importado. Por conta do preço do combustível, a energia térmica é mais cara do que a de hidrelétricas.

"Existe uma pressão danada para aumentar o preço (de R\$ 116 o MWh). O que está acontecendo é um jogo de nervos", avalia. Tolmasquim acha pouco provável que o preço teto seja elevado para atender os apelos dos investidores. Apenas o Ministério de Minas e Energia poderia tomar a decisão de alterar as regras do leilão.